

**INFORMAÇÕES - RECENSÕES**

---

---

## PROJECTO DE MUSEALIZAÇÃO DE UMA OLARIA DE VILA FRANCA DO CAMPO

por  
RUI DE SOUSA MARTINS

### 1. A arte cerâmica na experiência museológica de Vila Franca do Campo

O Museu Municipal de Vila Franca do Campo, nascido da colaboração estabelecida, em 1980, entre a Câmara local e a Universidade dos Açores, foi criado com base num modelo etnomuseológico flexível e polinucleado que combinava a instalação de colecções permanentes, num ou vários edifícios contíguos, com a preservação *in situ* de construções ou outros bens culturais de reconhecido valor que seriam protegidos e conservados, criativamente, numa intenção sociocultural e comunitária<sup>1</sup>. A experiência museológica que Vila Franca do Campo tem vindo a desenvolver inspirou-se, à partida, em soluções propostas pelos museus ao ar livre e, sobretudo, pelos ecomuseus, pois estes não circunscrevem o museu às limitações do espaço interior de um edifício, mas alargam a natureza do acervo aos objectos imóveis e o espaço de exposição-animação a áreas

---

<sup>1</sup> MARTINS, Rui de Sousa — Apoio da Universidade dos Açores ao Museu de Vila Franca do Campo. Ponta Delgada, 1 de Agosto de 1980, pp. 5 a 8 (dact.). Idem — Anteprojecto da secção de olaria do Museu de Vila Franca do Campo, sua justificação e explicação etnológica, Ponta Delgada, 1982, 5 pp. dact.

exteriores, mais ou menos vastas, onde se podem desenvolver determinadas actividades<sup>2</sup>. Contudo, as soluções museológicas pensadas, e em curso de concretização, acabaram por fazer convergir a experiência vilafranquense na problemática da musealização de sítios, pois as construções que se pretende recuperar integram-se em diferentes locais da Vila e são expressão de grupos humanos muito diversos<sup>3</sup>.

Sendo Vila Franca do Campo o mais importante centro oleiro dos Açores, o projecto inicial do Museu contemplava prioritariamente a arte cerâmica e defendia a aquisição «... de uma olaria que seria restaurada e conservada em actividade no próprio local, constituindo uma secção viva do Museu»<sup>4</sup>. Todavia, os estudos realizados posteriormente

<sup>2</sup> RIVIÈRE, Georges Henri — *Rôle du musée d'art et du musée de sciences humaines et sociales*. «Museum», Paris, 25 (1-2), 1973, pp. 39 a 44; Idem — Dossier écomusée. Paris, 25 de Outubro de 1977, 5 pp. dact.; CUISENIER, Jean — *Exhiber et signifier. Sémantique de l'exposition dans les musées d'agriculture*. «Museum», Paris, 36 (3), 1984, pp. 134 a 137. A problemática dos ecomuseus é analisada no n.º 148 (1985) da revista «Museum», dedicada à memória de Georges Henri Rivière.

Em 1977, Eduíno Borges Garcia lançou a ideia dos ecomuseus nos Açores. BORGES GARCIA, Eduíno — *Ecomuseus e acção cultural* (Um programa para os Açores), in: «Museu da Região, polo dinamizador de acção cultural», Actas do Colóquio APOME 77. Lisboa, 1982, pp. 57 a 67.

<sup>3</sup> GOUVEIA, Henrique Coutinho — Aproveitamento museológico do conjunto de moinhos de vento da Portela de Oliveira (Programa de base), Lisboa, Maio de 1985, 17 pp. dact. e 4 anexos.

Idem — Musealização de um conjunto de fornos de cal existente no Casal de Santo Amaro, Concelho de Penacova, Programa Preliminar, Lisboa, Maio de 1986, 20 pp. dact.

GOUVEIA, Henrique Coutinho e CARVALHO, Margarida Chorão de — A musealização de sítios na área da etnologia, os conjuntos de moinhos de vento da Portela de Oliveira e de fornos de cal do Casal de Santo Amaro. Coimbra, Seminário Musealização de sítios, 19-24 de Outubro, 1987.

No caso de Vila Franca do Campo, a partilha de responsabilidades institucionais entre a Câmara Municipal e a Universidade dos Açores, a quem competem os sectores de pesquisa e organização,

evidenciaram que a questão da cerâmica vilafranquense tinha de ser abordada globalmente e a musealização de uma olaria tinha de se integrar num processo de intervenção socio-económica e cultural que contemplasse o passado, o presente e, sobretudo, o futuro de uma riquíssima arte tradicional em manifesta decadência.

O projecto de recuperação da *loija da vila*, que prevê a protecção de uma *tenda de oleiro*, tem-se concretizado em várias fases. Inicialmente fizeram-se pesquisas detalhadas sobre a vida e a actividade dos ceramistas e recolheram-se exaustivamente peças de barro usadas pela sociedade tradicional, algumas das quais são já muitíssimo raras. Sempre que possível procurou-se reconstituir e registar os antigos processos de utilização.

O material recolhido permitiu a montagem de duas exposições permanentes, com as quais o museu foi inaugurado (1982)<sup>5</sup>, e a realização de um filme televisivo sobre «A loija da Vila» (1983)<sup>6</sup>.

Para documentar e apoiar a actividade presente dos poucos oleiros que sobrevivem, montou-se uma nova exposição permanente consagrada aos «Artistas do barro», à ornamentação das olarias na festa de S. Miguel, à venda

assim como o carácter marcadamente laboratorial da experiência em curso aproximam o jovem museu micaelense dos problemas da musealização de sítios.

<sup>4</sup> MARTINS, Rui de Sousa — Apoio da Universidade dos Açores ao Museu de Vila Franca do Campo. Ponta Delgada, 1 de Agosto de 1980, p. 6

<sup>5</sup> Os trabalhos de pesquisa posteriormente realizados permitiram a renovação destas exposições em 1984.

MARTINS, Rui de Sousa — A arte do barro em Vila Franca do Campo (Roteiro da Secção de Olaria) (Sala 1). Vila Franca do Campo - Ponta Delgada, 1984, 7 pp. dact.

Idem — A louça da Vila na vida do povo açoriano (Roteiro da Secção de Olaria), Vila Franca do Campo - Ponta Delgada, 1984, 6 pp. dact.

<sup>6</sup> «A loija da Vila» (1983) realizado pela RTP/Açores oif difundido nos Açores, no Continente e nos Estados Unidos.

da loiça e à actividade dos *amoladores* que consertavam os recipientes de barro (1985)<sup>7</sup>.

A concretização destas fases do projecto não se esgotou na montagem das sucessivas exposições e permanece em aberto, não cessando a recolha de novos elementos que permitam uma compreensão mais correcta e profunda da olaria vilafranquense. Paralelamente, realizaram-se várias missões de estudo, a fim de definir soluções adequadas que permitam salvaguardar o futuro da indústria cerâmica de Vila Franca<sup>8</sup>. A musealização de uma olaria insere-se precisamente no limite problemático onde a exigência de proteger um bem cultural do património construído se interliga com um necessário e urgente processo de intervenção que possibilite a sobrevivência e a renovação da arte cerâmica na antiga capital de São Miguel.

## 2. Um futuro para a olaria de Vila Franca do Campo

### Diagnosticar uma situação

Depois do terramoto de 1522 que soterrou Vila Franca do Campo, os oleiros estabeleceram-se na Vila Nova (freguesia de São Pedro), onde, até ao século XIX, constituíram uma *classe* organizada de oficiais mecânicos.

Em 1930, vinte e duas olarias produziam louça que abastecia São Miguel e era exportada para as restantes ilhas do arquipélago. A partir dos anos 40, o número de oficinas foi decrescendo pois, em 1959, já só laboravam 16 oleiros e, dez anos depois, o número tinha descido para

<sup>7</sup> Nesta exposição dedicou-se uma vitrina a cada um dos oleiros mais criativos como forma de mostrar os estilos das diferentes oficinas. As vitrinas vão sendo actualizadas com as novas criações dos ceramistas.

<sup>8</sup> No centro de Itália tivemos oportunidade de observar várias oficinas de cerâmica, totalmene modernizadas e que mantêm de forma rentável a produção das belas formas tradicionais.

metade. Em 1980 havia 5 oficinas em manifesta decadência e, actualmente, Vila Franca tem quatro oleiros, um dos quais trabalha de modo esporádico.

Os mestres José Batata e António Batata têm mais de 60 anos, José Gracioso aproxima-se dos 60 e João Carroça, o jovem no qual se tem depositado o futuro da arte, tem 31 anos. Porém, a nota mais grave da situação, é o facto de nenhum deles ter aprendido e, como a aquisição do conhecimento técnico exige prática demorada, pode-se concluir que o destino da olaria micaelense está seriamente ameaçado. Além disso, a arte do barro é uma profissão socialmente desvalorizada e pouco atraente para os jovens. Consideram-na uma actividade penosa, suja, pouco rentável e sem futuro. Para esta imagem corrente, contribuem largamente o estado de degradação em que se encontram as oficinas, pequenos compartimentos húmidos e escuros em mau estado de conservação, e também certos aspectos mais penosos da preparação do barro que é pisado com os pés<sup>9</sup> e amassado a braço, tarefas que eram executadas pelos aprendizes e que agora os mestres têm de acumular.

Mas a sobrevivência desta arte, como a de qualquer outra, é sobretudo um problema económico e é nele que vamos centrar a nossa atenção. A louça da Vila foi indispensável à vida das populações, esteve presente em quase todos os aspectos do quotidiano insular e chegou a ser exportada para os Estados Unidos. Com a invasão de novos recipientes em cerâmica vidrada, ferro, alumínio e plástico e a mudança de gostos e alterações institucionais, o mercado diminuiu de modo drástico. Consequentemente, a produção tradicional das olarias desceu verticalmente e só a emigração para os Estados Unidos e o Canadá salvou da miséria grande número de artífices.

<sup>9</sup> Pisar o barro húmido com os pés foi fonte de numerosas doenças que chegaram a causar a morte de alguns aprendizes.

Entretanto, e já nos nossos dias, o mercado da louça de barro voltou a expandir-se com o aparecimento de novos grupos de consumidores endinheirados: Os emigrantes raramente deixam de levar uma recordação de barro; os turistas continentais e estrangeiros estão cada vez mais sensibilizados para a cultura e ávidos de tudo quanto é «diferente», «típico», «artesanal», «popular» e, se possível, «genuíno»; até os cidadãos locais, graças à acção formativa das escolas e meios de comunicação, começam a dar valor ao «artesanato regional».

Os oleiros que restam souberam adaptar-se admiravelmente à nova clientela, criando peças onde prevalece a intenção estética e que atingem por vezes grande qualidade e preços elevados.

A presença em feiras de artesanato e em exposições, tanto na Região como no Continente, tem contribuído para valorizar os artifices de barro, cuja actividade passou a ser olhada com respeito e admiração. Não têm faltado apoios oficiais (Secretaria Regional dos Transportes e Turismo, Câmara Municipal), sob a forma de subsídios para melhoramento de construção de fornos e para compra de barro.

#### Propor soluções

Pensamos que é possível ter esperança, pois começa a desenhar-se um clima social e económico muito favorável à viabilização da cerâmica vilafranquense. Mas é preciso não iludir a questão: para que surjam aprendizes e futuros mestres, as unidades produtivas terão de se transformar profundamente. As pobres oficinas têm de ser radicalmente melhoradas no sentido de se criarem melhores condições de trabalho a todos os níveis.

Deve-se prever a substituição dos fornos de lenha por fornos eléctricos; o barro terá de ser amassado em máquinas próprias, podendo recorrer-se às existentes nas fábricas da Lagoa; o oleiro será apenas o artista que dá vida às



Foto 1 — Pequena praia, conhecida por «pocinho do feijão», vendo-se a oficina (tenda) do mestre António Barata com as paredes de alvernaria sem reboco.

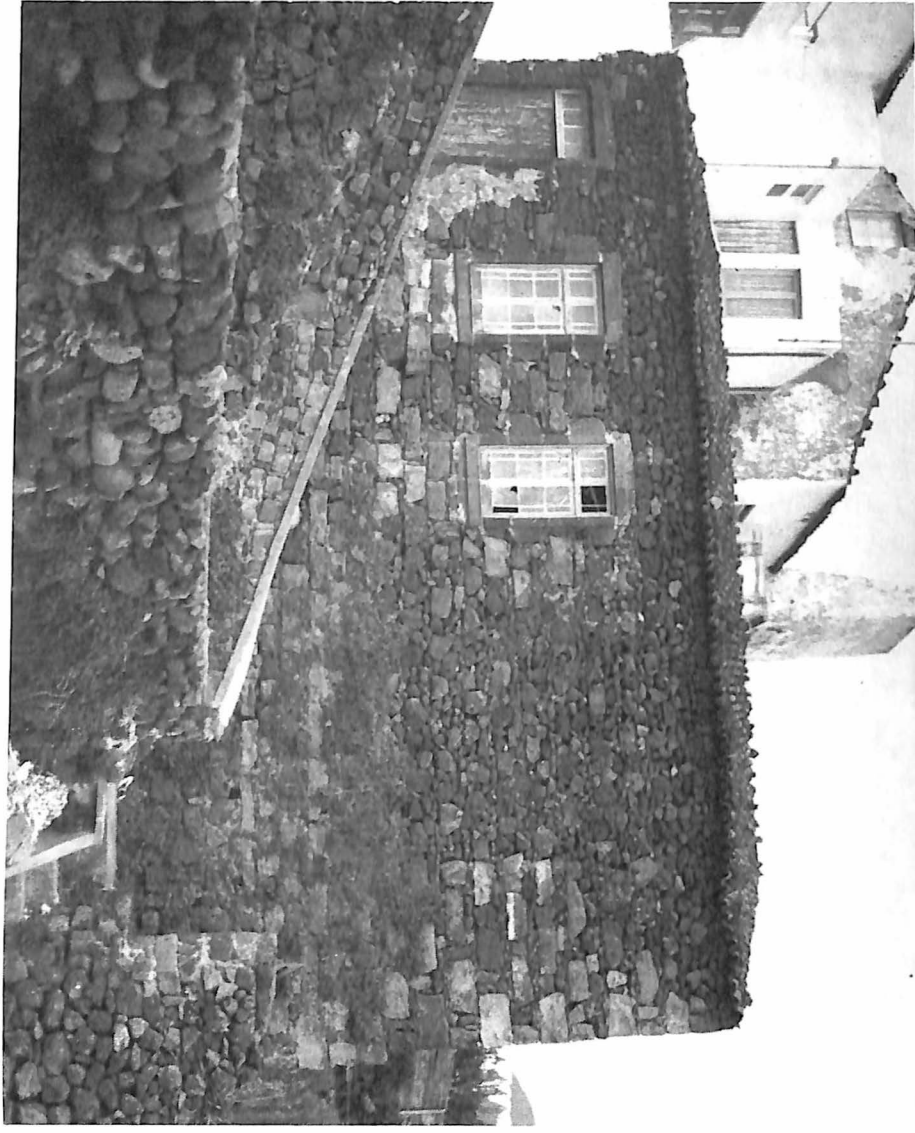


Foto 2 — Olaria do mestre António Batista. As duas janelas iluminam o espaço onde estão implantadas as rodas.

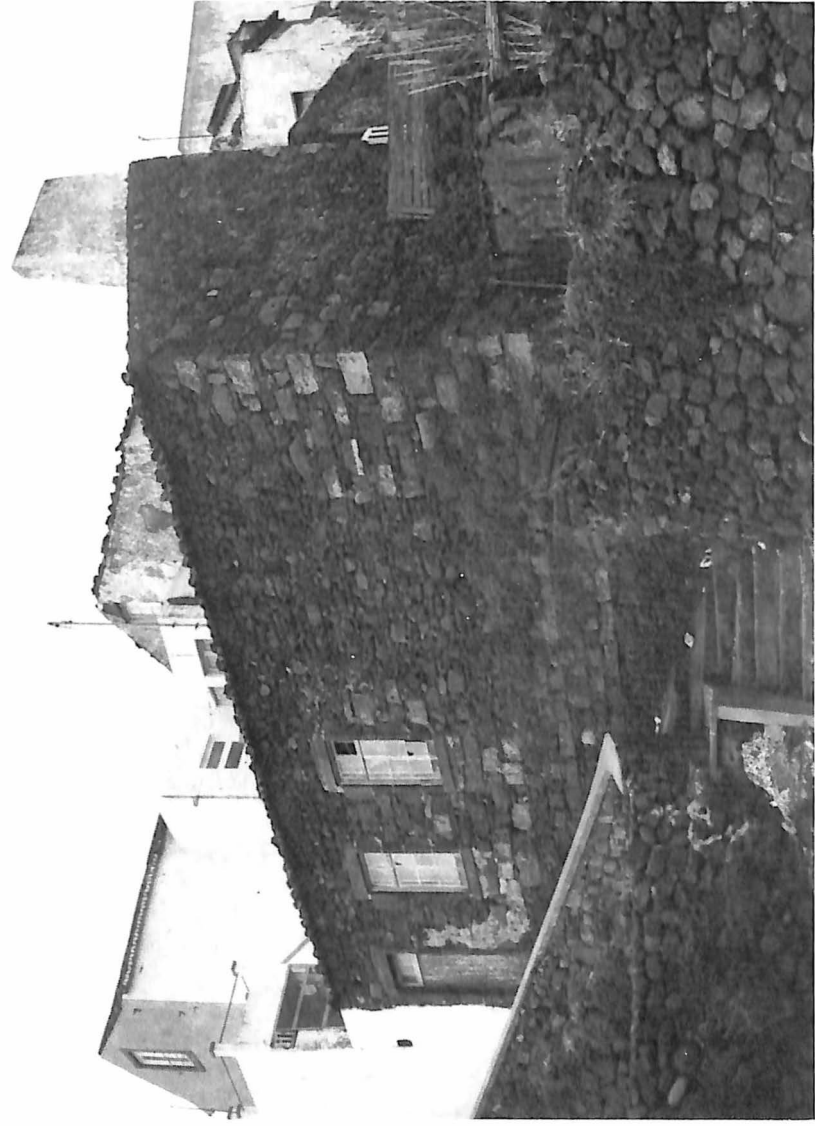


Foto 3 — Outro aspecto da olaria, sendo visível o forno anexo.

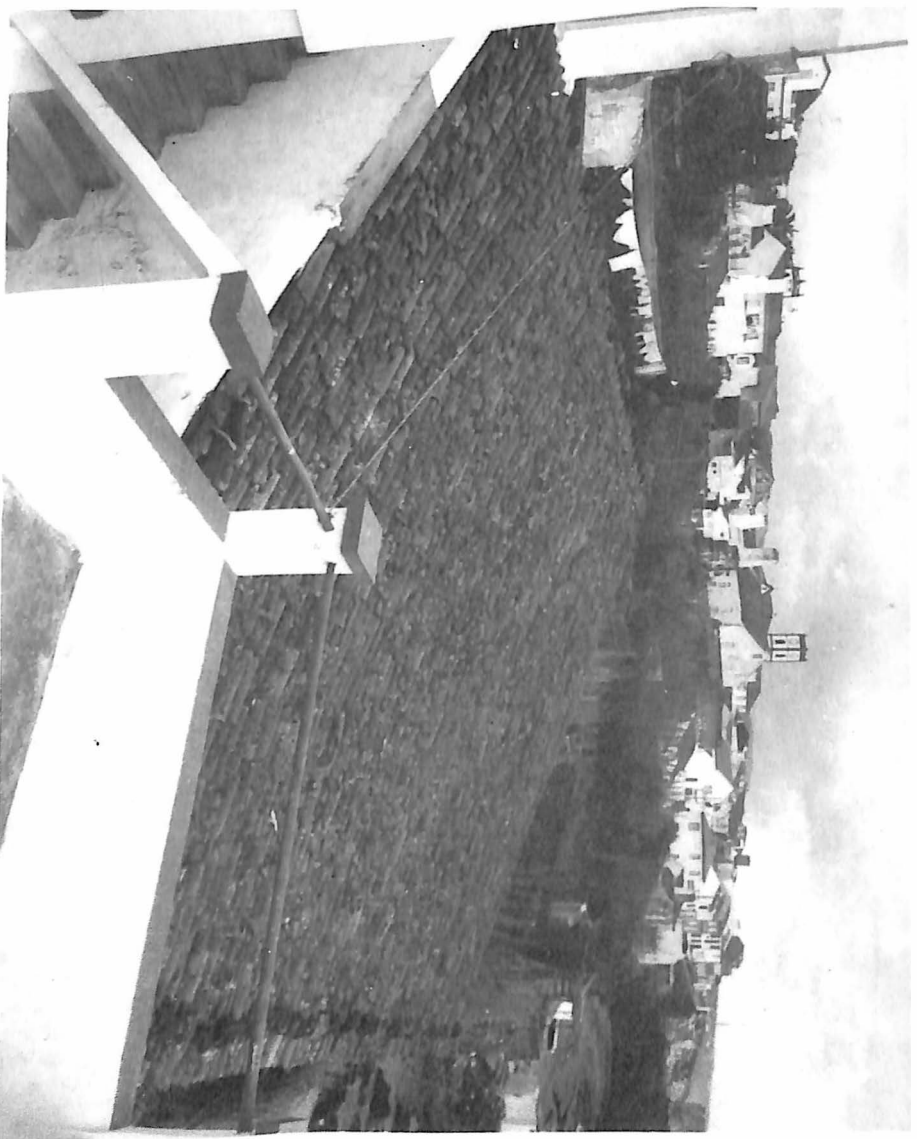


Foto 4 — Telhado da olaria. Note-se a fiada de pedras, no betral, para aguentar as telhas, quando faz temporal.



Foto 5 — A louça, pousada em *formas* circulares, seca em frente da olaria.

Foto 6 — Interior da olaria, vendo-se as três estruturas das rodas, duas das quais foram desactivadas.



Foto 7 — Um aspecto da roda ainda a funcionar.



Foto 8 — *Barreiro* para armazenar o barro que é pisado no espaço anexo (*estaleiro*).

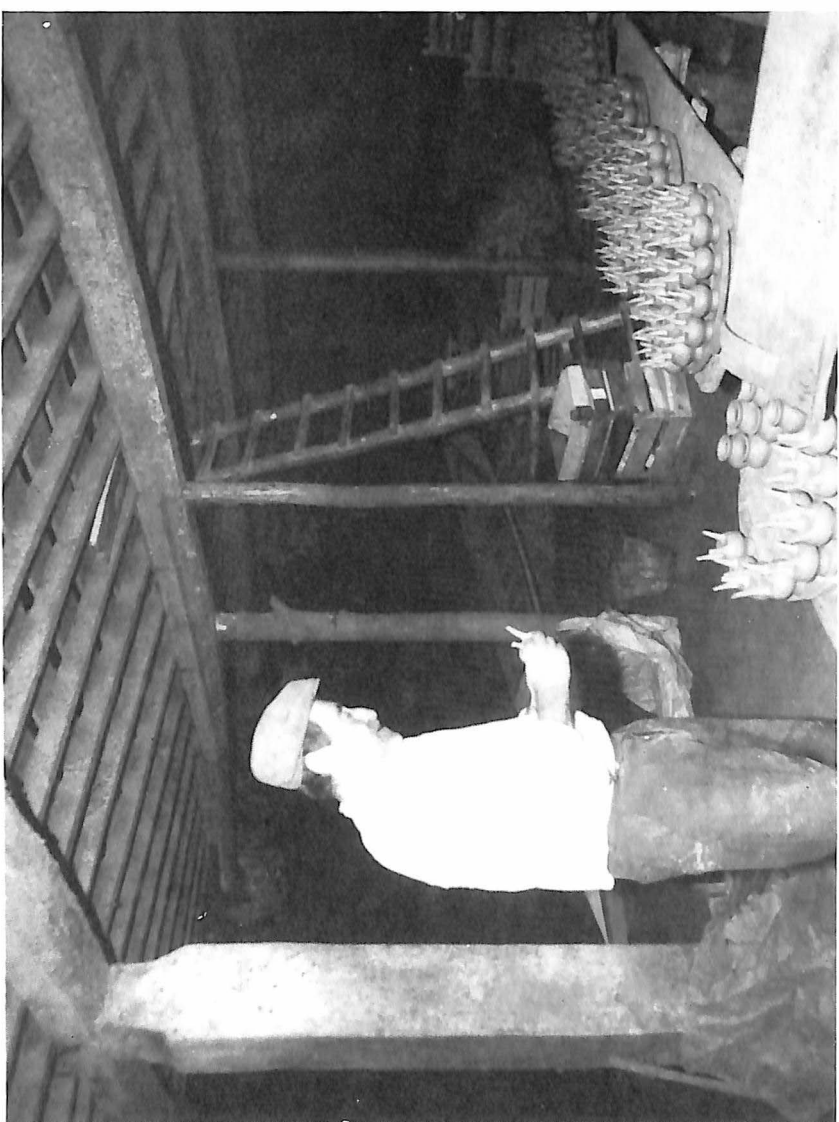


Foto 9 — Interior da tenda, vendo-se a escada de acesso ao *secafoiro*.

Foto 10 — *Secadoiro* (soto) com sobrado de tábuas espaçadas.

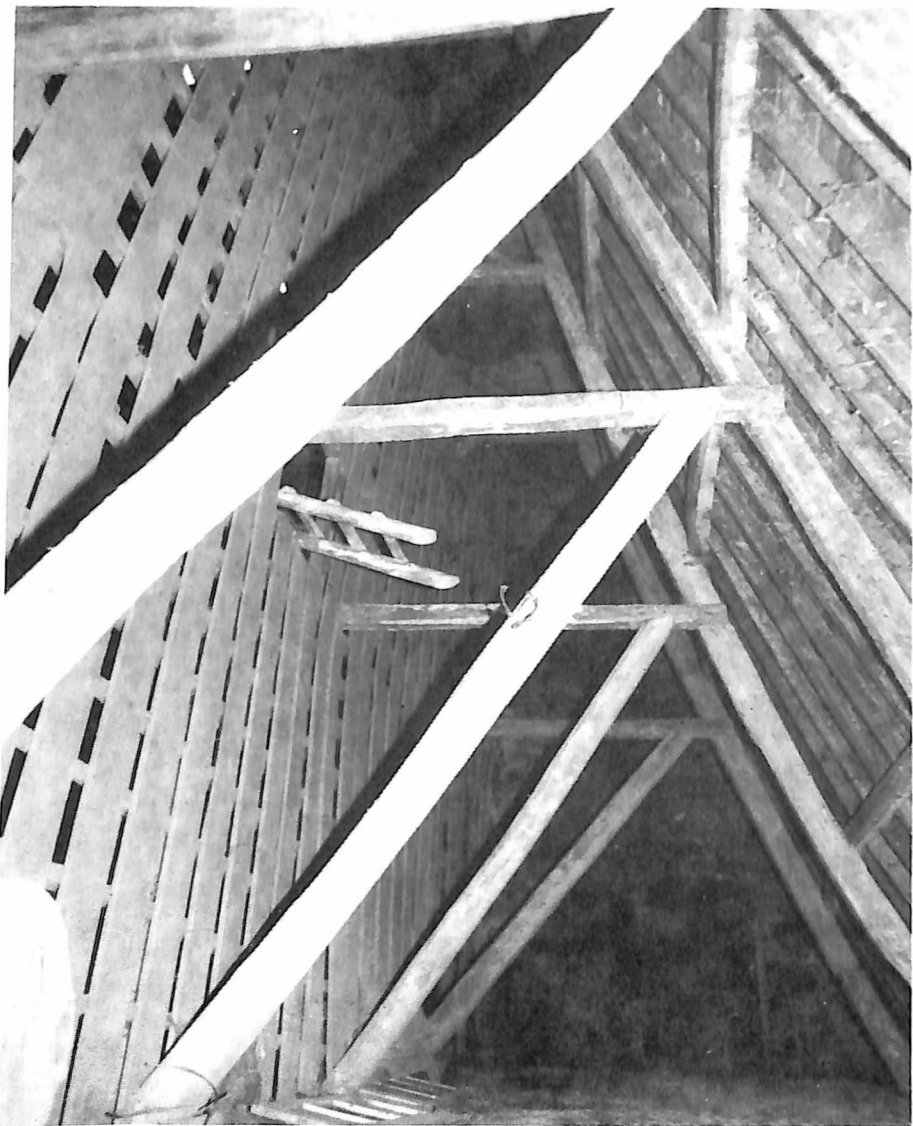


Foto 11 — O *Secadoiro* tinha uma porta que dava acesso à habitação do oleiro.

Foto 12 — Louça a secar no sótão.

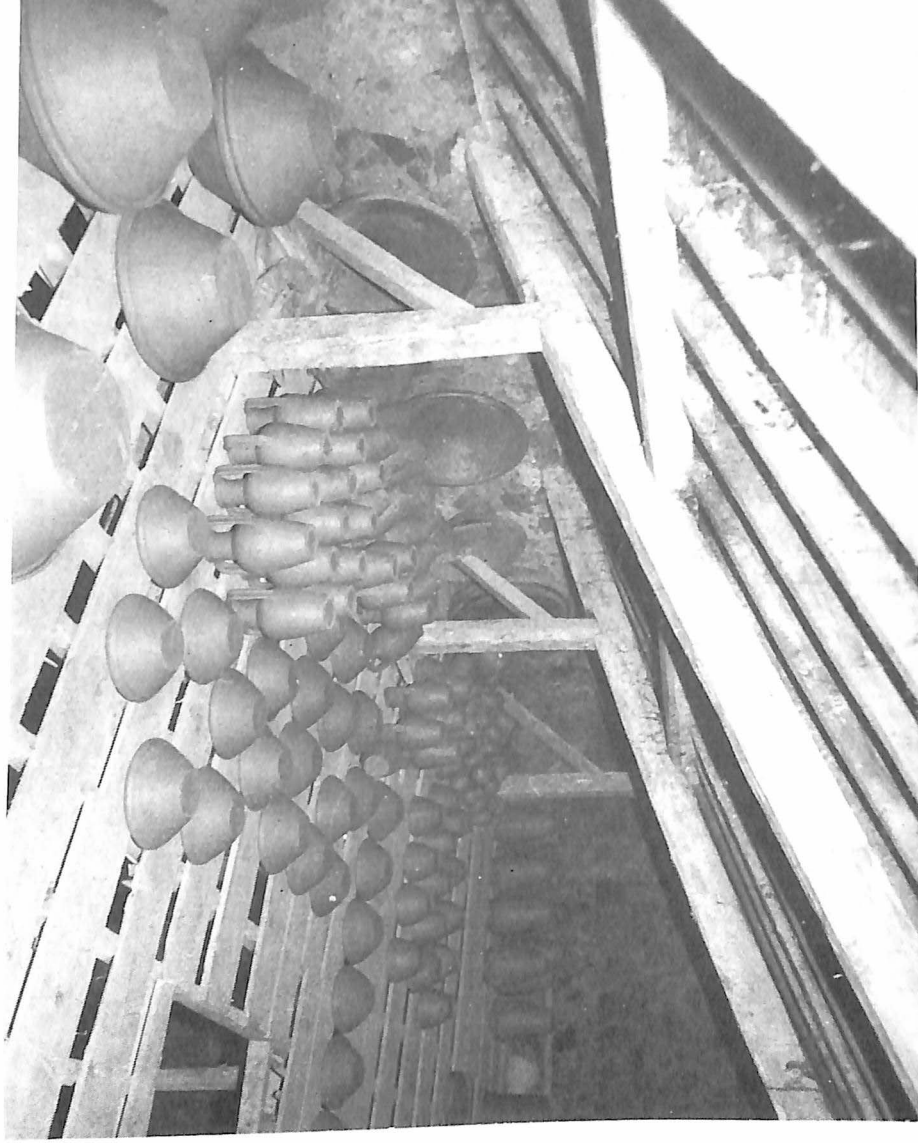


Foto 13 — Forno anexo à olaria (construído nos anos 60). As pedras amontoadas destinam-se a obras de reparação.  
Altura do forno: 2 metros.



Foto 14 — Colocando lenha na caldeira.



Foto 15 — Empurrando a lenha.

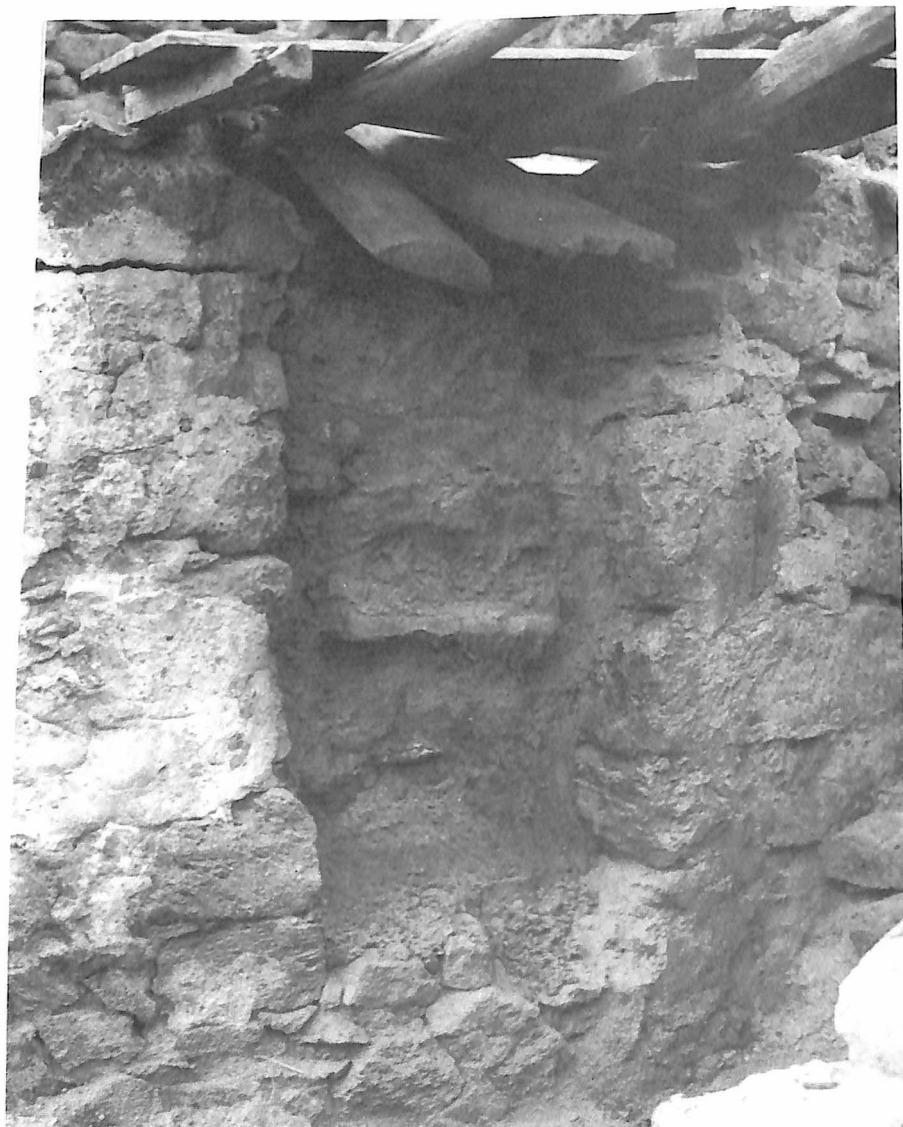


Foto 16 — *Boca do forno tapada* durante a cozedura.



Foto 17 — *Desenformando a louça*.

Foto 18 — O casinho de madeira, actualmente destruído, não estava relacionado com a actividade cerâmica.

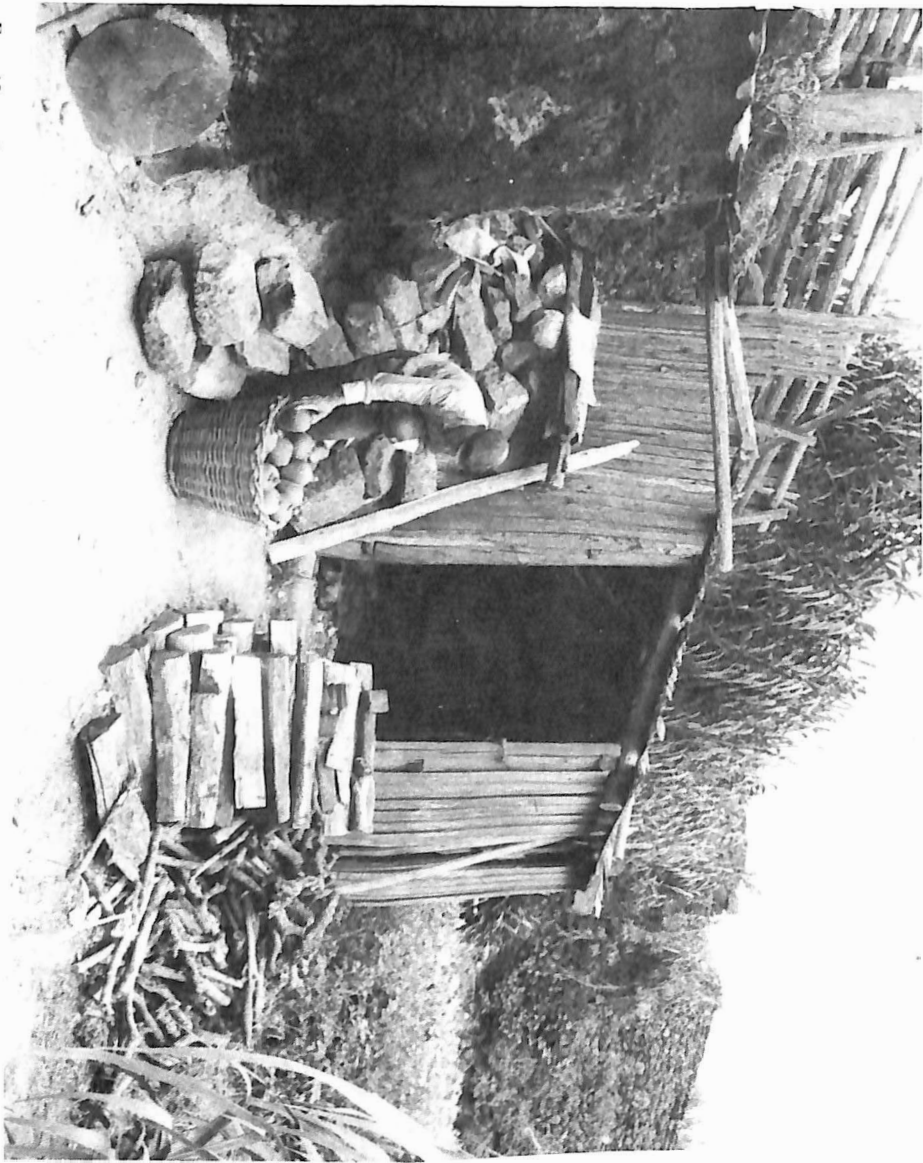


Foto 19 — Transporte da louça cozida na escada de acesso à olaria.

formas, no diálogo que as mãos estabelecem com o barro. O que se tem de transmitir às gerações futuras é um património estético constituído por um reportório de formas originais, recriadas e padronizadas em Vila Franca do Campo ao longo dos séculos. É precisamente o valor estético-social-económico desta arte que exige uma intervenção organizada no sentido de a perpetuar. Mas surge agora um novo problema: a intervenção necessária e urgente que modernizará progressivamente as oficinas existentes, não pode ser feita com sacrifício do património tradicional construído, de que as velhas olarias fazem parte, pois são testemunhos insubstituíveis de uma técnica, de uma arte e de um grupo social de artífices que tiveram um papel relevantíssimo na vida dos açorianos. Consequentemente, julgamos que uma olaria deve ser musealizada e mantida a funcionar em moldes tradicionais, salvaguardando-se a memória de uma actividade e permitindo-se a mudança, sem entraves, das outras oficinas.

### **3. Uma olaria-memória nos Açores**

Concluimos assim, que é indispensável salvaguardar uma olaria em Vila Franca do Campo e, entre as várias existentes, desactivadas ou a funcionar, temos de escolher a oficina a musealizar. É uma decisão importante e por vezes difícil, pois os bens do património cultural não são todos iguais mas hierarquizam-se segundo a importância que lhes é atribuída pelos especialistas e também pela consciência axiológica das comunidades. Além disso, convém sublinhar que nos procedimentos de decisão político-administrativa, o valor dos bens considerados culturalmente relevantes deve prevalecer sobre todos os outros interesses, no sentido de que estes nunca devem ser satisfeitos com sacrifício dos valores culturais comunitários mas sim à custa de soluções que os respeitem. O não acatamento desta doutrina é que transformou a evolução recente dos Açores

num processo de mutações desordenadas, quando se impu-  
nha uma mudança harmónica (desenvolvimento) que respei-  
tasse os bens da cultura regional <sup>10</sup>.

De qualquer modo, as olarias de Vila Franca são  
poucas e a decisão, neste caso, apesar de não parecer  
difícil, precisa de ser pensada. As oficinas reduzem-se  
normalmente a um compartimento, mas podem apresentar  
uma ou duas pequenas divisões anexas. No compartimento  
principal funcionavam, em geral, duas rodas, mas havia  
oficinas com três ou quatro, embora as mais pobres pos-  
suissem apenas uma. Actualmente, nas olarias em activi-  
dade, trabalha apenas uma roda. Além da estrutura do  
torno, as tendas têm uma grande cova rectangular para  
armazenar o barro, um espaço de terra batida onde este  
é pisado, um sótão para secagem da louça e espaços livres  
para amontoar peças secas ou cozidas.

No conjunto das olarias de Vila Franca do Campo,  
avulta inquestionavelmente aquela onde trabalha o mestre  
António Batata. É a maior *tenda* dos Açores, conserva ainda  
as paredes de alvenaria sem reboco, como nos princípios  
do século, tem estruturas para três rodas, uma das quais  
funciona permanentemente, um barreiro e um largo espaço  
para armazenagem de peças.

A olaria do mestre António impõe-se, enquanto cons-  
trução, a todas as outras, muito acanhadas e dispendo  
apenas de estruturas para uma ou duas rodas. O edifício  
adquire ainda um significado especial por ter sido (re)cons-

<sup>10</sup> As nefastas consequências deste processo, agravado por cala-  
midades naturais são visíveis em todo o arquipélago e não deixarão  
de se acentuar no futuro.

A entrada na CEE veio revelar, a quem tivesse dúvidas, a debi-  
lidade da indústria e da agricultura dos Açores o que acentuou a  
importância turística do arquipélago que se nutre do belíssimo  
meio natural e dos elementos culturais específicos. Tudo o que  
afecte estes dois factores terá efeitos negativos que nem os super-  
-hóteis nem os campos de ténis poderão superar.

truído por um oleiro de Vila Franca com o dinheiro ganho  
no Brasil. Beneficia ainda do facto de ter um forno de  
cozer anexo e uma excelente situação, voltada para o mar  
e junto de uma pequena praia.

A musealização desta olaria implicará, necessariamente,  
a recuperação para a comunidade da área envolvente,  
nomeadamente da zona marítima, o que não deixará de  
ter efeitos benéficos no ordenamento de Vila Franca do  
Campo. Trata-se não só de musealizar uma olaria mas todo  
um sítio formado por um conjunto de valores culturais e  
naturais.

#### 4. A tenda do Mestre António Batata

##### Informação geral

- Localização: Rua do Padre Lucindo, s/n.
- Data da construção: séculos XVIII/XIX.
- Construtor: Mariano Melo (?).
- Proprietário: João de Deus.  
Tesouraria da Fazenda Pública. Vila do Nordeste.
- Arrendatário: João José Rodrigues.  
Vila Franca do Campo.
- Utilizador: António de Sousa Batata.  
Rua do Fole, n.º 1, Vila Franca do Campo.
- Uso actual: olaria.
- Significado e importância do edifício: Uma das maiores  
olarias dos Açores. Está ligado à presença açoriana no  
Brasil e à influência deste nos Açores.

##### Informação arquitectónica

##### Descrição geral

- Descrição sumária: Imóvel com uma divisão, cobrindo  
aproximadamente a área de 15 m<sup>2</sup>
- Condições de fabrico: Boas.

#### Descrição dos exteriores

- Dimensões principais: comprimento máximo, 5 m; largura, 3 m; altura máxima, 3,5 m aproximadamente
- Paredes: alvenaria de basalto sem reboco.
- Fundações: bom estado.
- Vãos: uma porta e duas janelas situadas na metade esquerda da fachada principal. Uma pequena janela, na fachada do lado este, ilumina o *secadoiro*.
- Telhado: de uma água, coberto com telha regional de meia cana.

#### Descrição dos interiores

- Divisões: um compartimento com um largo sótão (*secadoiro*).
- Suportes da estrutura: três colunas, sendo uma para suportar o telhado e as outras duas para sustentar o sótão.
- Organização do andar térreo:
  - a) estruturas para três rodas
  - b) um barreiro de planta trapezoidal
  - c) uma zona de depósito de louça com bancos e prateleiras.

#### Estruturas anexas

- Um forno de cozer louça.

### 5. Musealização da olaria e da área envolvente

#### Definição dos objectivos a atingir

Este programa de musealização visa preservar a mais importante olaria de Vila Franca do Campo, mantê-la a funcionar em moldes tradicionais e recuperá-la socialmente,

colocando-a ao serviço da educação pública, da investigação científica, do turismo e dos ceramistas que eventualmente a pretendam utilizar.

A olaria constituirá um núcleo do Museu Municipal a quem competirá a gestão das acções de animação socio-cultural que devem ser concertadas com a actividade do oleiro.

#### Modalidades de protecção

Através de medidas de protecção pretende evitar-se quaisquer demolições, construções ou operações que prejudiquem o imóvel.

— Parece-nos fundamental a tutela jurídica, definida por diploma legal, considerando a olaria e o forno anexo como imóveis classificados. Deve criar-se, igualmente, uma zona de protecção específica<sup>11</sup>.

— Tentar-se-á adquirir o edifício que ficará propriedade do Município, facto que não afectará a sua posse e utilização pelos oleiros<sup>12</sup>.

#### Acções de conservação e revalorização

— Limpeza exterior e interior, removendo-se os objectos estranhos à actividade da oficina.

— Substituição da porta e das janelas que se encontram degradadas.

— Consolidação do sótão.

— Refuncionalização das duas rodas desactivadas.

— Instalação de iluminação adequada.

---

<sup>11</sup> Na reunião de 30 de Novembro de 1987, a Câmara de Vila Franca decidiu por unanimidade propor à Secretaria Regional de Educação e Cultura a classificação da olaria como imóvel de valor concelhio.

<sup>12</sup> No caso da compra não se efectuar, o programa de musealização deve ser executado com base num acordo com o proprietário.



**Complementos interpretativos**

— No interior da olaria e junto do forno serão instalados painéis explicativos.

— Programar-se-ão exposições de um vídeo sobre a «Louça da Vila», realizado pela RTP/Açores.

— Poder-se-á instalar uma vitrina com utensílios usados pelos oleiros.

— Uma pagela informativa será distribuída no local.

**Funcionamento da olaria em moldes tradicionais**

— O oleiro continuará a exercer a sua actividade produtiva por conta do locatário. Não se pretende de maneira alguma transformar o artífice num funcionário da Câmara o que além de significar mais um emprego, traria naturalmente consequências nefastas para a arte, tal como tem sido praticada<sup>13</sup>.

Mas o artífice passará a desempenhar um papel fundamental nas acções pedagógicas e culturais que se realizarão na oficina:

— Apoio às actividades educativas.

— Demonstrações programadas das técnicas de pisar e amassar o barro assim como de outros aspectos do processo produtivo.

---

<sup>13</sup> A transformação do oleiro em artífice-funcionário, colocá-lo-ia numa posição de artista oficial, sujeito às interferências do poder público o que acabaria por se reflectir negativamente na sua arte. Socialmente, criar-se-ia uma clivagem entre o oleiro privilegiado e os outros que se sentiriam sempre mais desprotegidos. Estas considerações baseiam-se num trabalho elaborado pelo Centro de Estudos Etnológicos da Universidade dos Açores, sobre uma experiência realizada no Continente.

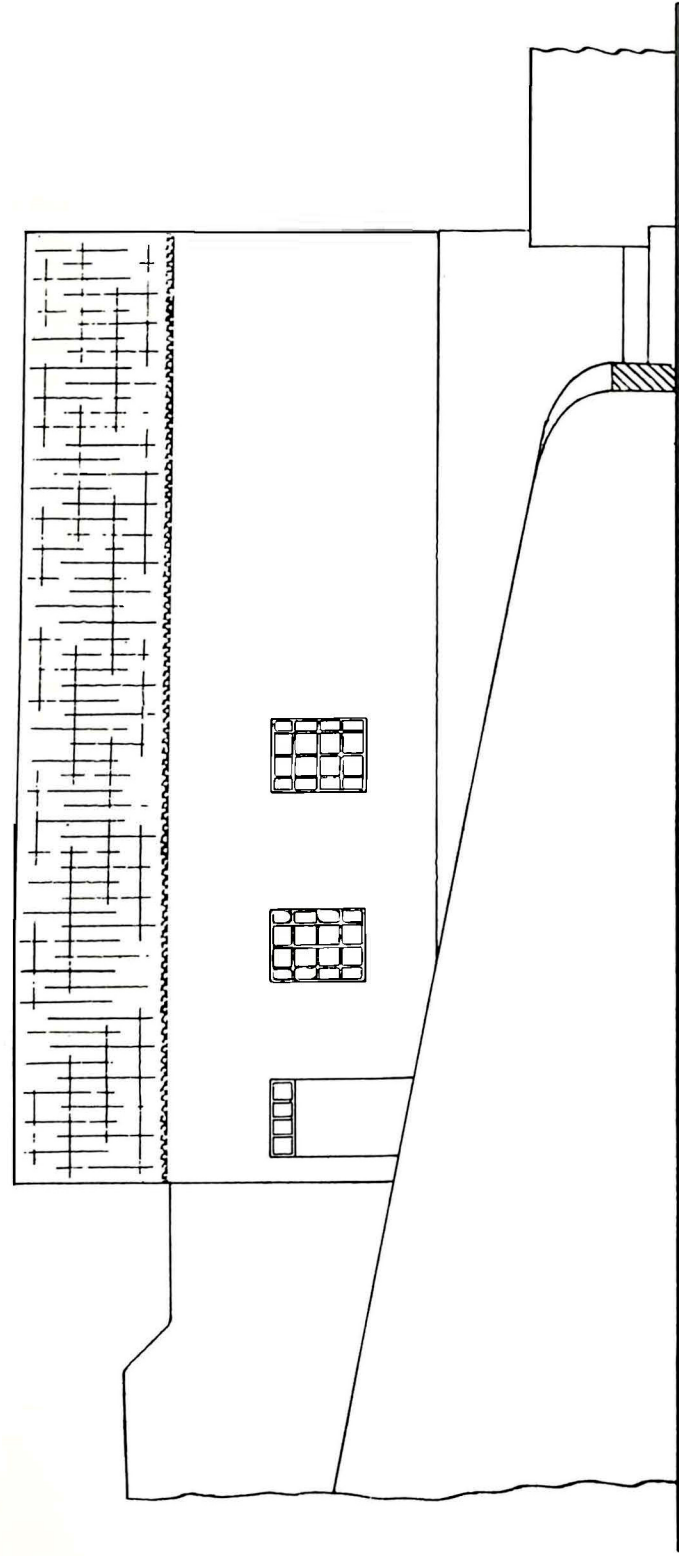
**Actividades pedagógicas e culturais**

Uma parte do largo espaço ocupado pelo armazenamento de loiça será utilizado nos programas de animação pedagógica e cultural. Este reaproveitamento implica a instalação de uma mesa onde os alunos poderão trabalhar o barro e um suporte para aparelhagem vídeo. As duas rodas de oleiro recuperadas serão afectadas a estes programas.

**Formas de sinalização do núcleo museológico**

A fim de canalizar, orientar e até estimular o interesse dos visitantes potenciais, é indispensável sinalizar adequadamente a olaria-memória assim como as restantes olarias de Vila Franca do Campo.

A zona das olarias será pré-sinalizada à entrada de Vila Franca do Campo. Cada olaria a funcionar será igualmente sinalizada e a olaria musealizada terá uma sinalização específica.

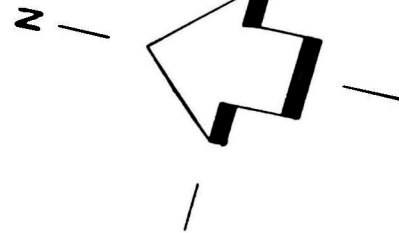


ALÇADO

ESCALA 1:75

Fig. 1 — Oficina do oleiro António Batata.

des. S. Gomes (C. M. V. F. C.)



ESCALA 1:75

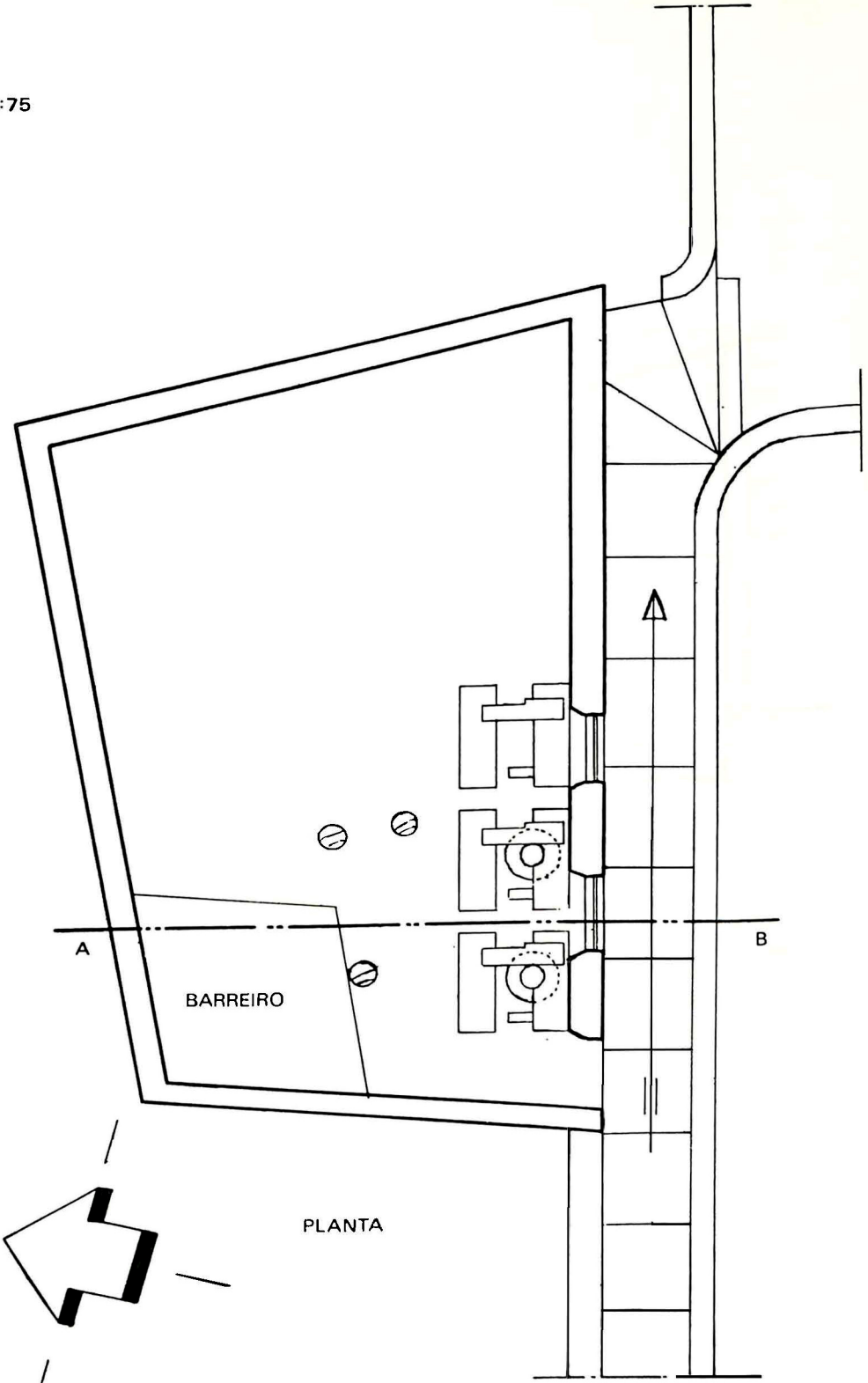


Fig. 2 — Planta da oficina, anterior à modificação das colunas.

des. S. Gomes (C. M. V. F. C.)

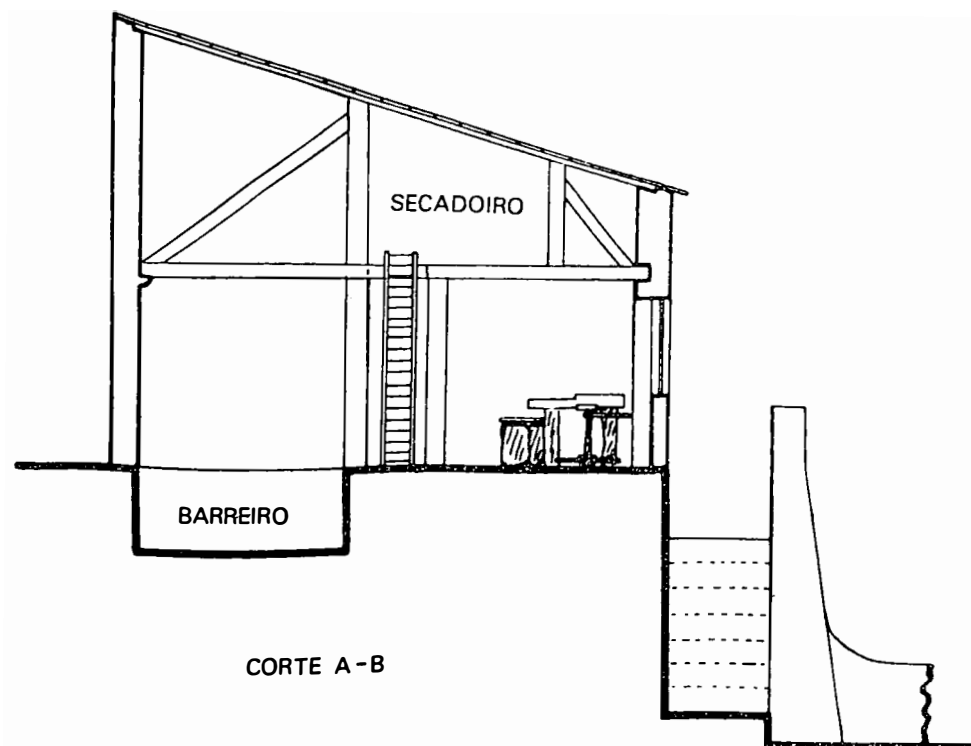


Fig. 3 — Corte transversal da olaria.

des. S. Gomes (C. M. V. F. C.)

ALVES, Mariano T. — *The creation of the University of the Azores. A Policy Study*, The University of Alberta, Department of Educational Administration. Edmonton, Alberta, 1985, 306 pp. (policopiado).

*Em foco neste estudo a Universidade dos Açores que conta actualmente 12 anos. Foi objecto duma Tese de Doutoramento na Universidade de Alberta, Canadá, e já reconhecida, em Equivalência, pela Universidade de Lisboa, Departamento de Educação da Faculdade de Ciências. A importância da efeméride e a inovatividade do tema motivaram esta informação.*

1. A *Universidade dos Açores*, criada pelo Decreto-Lei 5/76 de 9 de Janeiro, é um facto ao alcance da observação vulgar. As condições em que ela foi criada e o interesse de tal estudo sob o ponto de vista científico, profissional e político fazem dele, todavia, um tema significativo, ou problema, para a investigação e levaram à procura dos factores que o condicionaram no cenário maior de São Miguel, mais especialmente Ponta Delgada, nas suas temporalidades de *ante* e *post*. Nestas circunstâncias se delimita o universo e opera a definição dos conceitos ou termos gerais; outros aparecem ao correr da exposição.

2. O quadro conceptual que modela a investigação, emergente da *literatura* actual e seleccionada, contém na composição criteriosamente procurada pelo Autor (A.) os ingredientes necessários para o exame, identificação e análise dos factores concorrentes à edificação do *facto* e à percepção da sua significatividade (ALMOND POWELL, 1978; HALL, 1977; DROR, 1983).

3. A *literatura*, além do quadro conceptual, fundamenta também a *metodologia* preferida do «case-study» (FAIRCHILD, 1962; SHAW, 1978), e o seu teor de «qualitative research» (GUBA, 1979) adequados ao tema e à sua focagem e que se desenvolve, em geral, de forma descritiva. Pelo processo do «snow-ball sample» (McCALL and

SIMONS, 1969) se identificaram os actores sociais mais representativos e se recolheram os dados por entrevista (além dos históricos por via documental) cuja confiabilidade, assegurada no controle de tal processo, é reforçada pela «triangulation» (DENZIN, 1978) ou aproximação compacta das várias fontes de informação, por força do que é possível, se não generalizar (dada a individualização do facto), ao menos operar a «transferability of policymaking» para o enquadramento de situações similares (GUBA e LINCOLN, 1982) cujo estudo fica em aberto.

4. Embora parecendo menos necessário remontar às origens para traçar o «background» histórico de Portugal, bastando apenas os tempos mais próximos para o entendimento da situação contextual em que se formam os mecanismos da deliberação política e educacional respeitantes à Universidade, a retrospectiva alongada terá sido útil para o meio académico exterior em que se apresentou a Tese.

5. O contexto mais geral, geográfico e histórico, da situação dos Açores, descrita pelo A., revela forças em interacção com o poder central e jogando com ele em processos de acomodação e oposição que põem a descoberto a necessidade e aspiração duma instituição de ensino superior a que as realizações conseguidas, algumas das quais efémeras, não podiam satisfazer.

6. Além de antecedentes, que são oportunamente referidos e que apontam para a mudança, as *Semanas de Estudos Açorianos* abriram, na rigidez institucional e política de então e à escala dos Açores, o debate das grandes questões económicas, sociais, educativas, éticas e que preparam o caminho para o diálogo organizado com o poder central através das Comissões de Planeamento em que o tema educacional teve parte importante. As *Semanas de Estudo* e às *Conferências da Lagoa* (S. Miguel), indicadas pelo A., é de juntar-se a situação de índole socio-religiosa pastoral vivida em Angra do Heroísmo nos anos 60, expressa na função manifesta da denúncia das injustiças coenvolvendo a função latente do protesto político, e as *Palestras da Sociedade Literária Faialense* (Ilha do Faial) no princípio dos anos 70 (não referidas por o A. se fixar mais no teatro principal das acções em Ponta Delgada) as quais veiculam uma grande aspiração e tensão para a mudança. Não deixa ele, todavia, de lhes traír o significado e desvelar o impacto através das *Semanas* e das *Conferências* já mencionadas assinalando a presença, nestas, de actores intervenientes naquelas.

7. Os factos subsequentes ao «25 de Abril de 1974» ocorrentes nos Açores estão bem identificados no ambiente revolucionário e instável de metamorfose social e política que se viviam aí e que o quadro em sinopse (neste como noutros lugares) permite visualizar facilmente, em função da *emergência da Universidade*. Mostra-se como eles se conjugaram e aproveitaram para produzir o efeito final — a criação da Universidade dos Açores — e preparar-lhe o espaço e as condições da sua implantação.

8. Em modo um tanto repetitivo (compreensível dentro do esquema adoptado) o A. trás à consideração os factos e dados, *findings*, já antes expostos de forma analítico-descritiva, para os classificar, integrar e interpretar à luz do quadro conceptual teórico que se propôs e o disciplinou no desenrolar da exposição. A este nível se destaca como os *elementos racionais* (valores, ideias e outros) interagindo com os *elementos não-racionais* (emoções, pressão, riscos não acautelados), em situações de «strain» e numa conjuntura de crise, são de molde a provocar mudanças que, no caso vertente, foi a *Universidade dos Açores*. As virtualidades da teoria usada, para a explicação dos factos e do seu desfecho em condutas políticas e educacionais, revelam-se ainda na articulação duma linguagem-código que permite aos estudiosos testar a investigação e partir dela para outros estudos complementares.

9. Por último o Autor apresenta o *sumário, as conclusões e recomendações* mostrando como a *forma elíptica* (assim direi), gerada na introdução com a definição do problema e na literatura com o quadro teórico, desdobrando-se e alargando-se depois em diversos capítulos, se fecha numa explicação final do facto produzido. Mas porque as formas e os modelos são sempre mais rígidos do que as situações, é sobremodo fina, dúctil e ajustada a *reflection on the analysis* com que o A. mais se aproxima da realidade movente. De igual oportunidade é o delineamento perspectivo de estudos complementares que mostram a fecundidade deste.

F. Carmo